



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10875 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 02 - Ensino Médio

**JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E UTOPIA: A CRIAÇÃO DOS ATELIÊS
(AUTO)BIOGRÁFICOS COMO DISPOSITIVOS PARA REFLEXIONAR O FUTURO**

Lisiane Ligia Mella - UPF - Universidade de Passo Fundo

Telmo Marcon - UPF - Universidade de Passo Fundo

**JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E UTOPIA: A CRIAÇÃO DOS ATELIÊS
(AUTO)BIOGRÁFICOS COMO DISPOSITIVOS PARA REFLEXIONAR O FUTURO**

Reflexionar o futuro através de mobilizações utópicas implica em ideais e sonhos imaginados, criados e sustentados pelo desejo de mudança em ações críticas e transformadoras da realidade existente. É a partir dessa que o presente trabalho se situa, vinculando-se à tese de doutorado em educação na linha de pesquisa de Políticas Educacionais, que tem como objetivo compreender as narrativas utópicas de jovens estudantes da terceira série do Ensino Médio de escolas de campo, centro e periferia, públicas e privadas da região norte do Rio Grande do Sul, tomando como base seus territórios escolares. Buscamos apreender como e por que suas narrativas se constituem, se produzem e se situam social, cultural e historicamente, elucidando o papel da educação e das políticas educacionais na mobilização e construção de utopias. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa e encontra-se em desenvolvimento.

Reconhecemos na juventude o fôlego a produzir narrativas capazes de se sustentar pelo horizonte ético a posicionar como questão a educação e a sociedade que queremos e o amanhã que vislumbramos, para além das imposições sociais instituídas. Pelo lugar de passagem que a situa, a juventude posiciona diferentes metáforas que nos interrogam sobre o desejo de seguir, o desejo de abertura ao porvir. Tomamos como alicerce dessa tessitura as palavras referidas, de forma síncrona e espontânea, por uma jovem e um jovem participantes da pesquisa que aqui esboçamos, reunidos na escola de periferia que estudam: *“nós temos muito pra falar sobre o futuro”*, disseram, juntos. É, portanto, com esse comum desejo de seguir colocando o devir como questão que abrimos o olhar para a educação e para sociedade contemporânea, na intercambialidade temporal que circunda o passado, o presente e o amanhã, este “ainda-não” que compõe os enlaces desse trabalho.

Objetivamos neste texto aprofundar a perspectiva metodológica da pesquisa em andamento

e, mais especificamente, o dispositivo metodológico dos ateliês (auto)biográficos, que busca, pela temporalidade biográfica singular de cada sujeito, visibilizar as narrativas sócio-históricas dos jovens estudantes participantes da pesquisa, colocando como questão a educação, a sociedade e o futuro em uma perspectiva utópica. A fim de aprofundar esta dimensão, tomamos como um orientador metodológico o personagem literário considerado como uma figura emblemática da experiência moderna que Walter Benjamin (1994) tratou em sua obra, a saber, o *flâneur*. Sem pressa e sob as luzes e sombras dos lampiões a gás, o *flâneur* caminha pela cidade de Paris do século XIX observando as pessoas e os acontecimentos. Reconhecido como um explorador urbano, ele põe-se a refletir sobre sua situação histórica, buscando compreendê-la por meio de seu território. Esse poeta e “ocioso sonhador” vai em busca de costuras para as singularidades de seu tempo através de suas inquietações, compromissado com uma crítica da cultura. Assim, através da figura desse sujeito que vai desnovelando seu contexto e mapeando sua paisagem social, buscamos posicionar a pesquisa e situar os ateliês (auto)biográficos: como espaços formativos a constituírem-se na medida em que seus participantes narram suas histórias de vida pelo viés da memória, da reminiscência e das brechas de seus discursos, colocando-se a traduzir uma experiência histórica.

A memória opera, portanto, como um fio condutor que faz enlace do presente ao passado e às perspectivas de futuro. O psicanalista Paulo Endo (2013) reflexiona a memória como aquilo que se guarda para o futuro, para a posteridade, o que confere ao sujeito a possibilidade que este tem de lembrar, de inscrever-se em sua história e às histórias de seu povo. É a memória que produz registros simbólicos de pertencimento, fazendo frente à sua não perenidade, ameaçada pelo caráter corrosivo que representa a passagem do tempo. Nessa perspectiva, o passado não é aquele que fica para trás, em uma dimensão linear de fases da vida, mas, na esteira benjaminiana, é um tempo vivo que é tomado como força que impulsiona o sujeito ao devir, em um movimento reflexivo e aberto em relação à história individual e coletiva. Nessa incursão, o enlace do passado ao presente, diz Benjamin (1987), não se dá pelo que o passado de fato foi ou pela história contada pelos “vencedores”, aqueles que estão em posição de dominação. Tomar posse do passado significa apropriar-se dele pela via da reminiscência, ou seja, pelos “fragmentos”, “restos” e “lampejos” das memórias singulares imergidas à revelia das histórias oficiais.

Propomos, nesse sentido, uma torção narrativa a estabelecer outras metáforas, outras aberturas a desnovelarem-se na temporalidade de cada sujeito em seu território. O psicanalista André Oliveira Costa (2014) assinala que é apenas através do tempo do percurso, ou seja, da inscrição de um momento temporal de travessia que é possível a produção de uma transmissão e, por consequência, que é possível a produção de um sujeito. É somente através da passagem do tempo e do ato de atravessá-lo que a transmissão, a criação e a transformação e tornam possíveis, em um espaço-tempo de uma descontinuidade, de uma torção. Assim como ressalta o referido autor (2014, p. 500), “ao contrário do que geralmente se costuma pensar, trata-se de um rompimento como condição de continuidade do tempo passado para que o ontem se reinscreva em um projeto de realização de um tempo futuro”.

Para tanto, a narrativa ganha centralidade no dispositivo metodológico dos ateliês

(auto)biográficos, uma vez em que a ela cabe a função de mediação que reabre o passado e inventa o porvir, numa perspectiva de criação. Ela se traduz pelo testemunho ético da continuidade histórica que se dá em um intervalo temporal, sempre aberto. Tal como pontua a autora francesa Christine Delory-Momberger (2008), a narrativa é o ponto de encontro entre tempo, lugar e espaço onde toma alguma forma possível e sempre provisória a história de uma vida. É onde se torna possível, ainda, uma relação com a herança sobre a qual se cria algo novo. Assim sendo, com base na narrativa como ponto de enlace do sujeito em seu território, a pesquisa se fundamenta no método hermenêutico das narrativas (auto)biográficas pensados desde a perspectiva de Christine Delory-Momberger (2008, 2012), cuja abordagem ancora-se na busca por estabelecer uma reflexão sobre o agir e o pensar humano mediante figuras orientadas e articuladas no tempo, organizando e construindo a experiência por uma razão narrativa.

É aí que a temporalidade biográfica entra em cena, na medida em que buscamos compreender a singularidade pela qual cada sujeito configura sua experiência temporal e sua historicidade. Nesse sentido, o papel da entrevista da pesquisa biográfica está em criar condições para que o entrevistado se reconheça como entrevistador de si mesmo. Ou seja, o entrevistador é aquele que não se antecede, mas se coloca atrás da narrativa do entrevistado, atrás de sua temporalidade. A mobilização centra-se na criação daquilo que ainda não está dado, do que ainda não se sabe, um ainda-não como possibilidade para um vir-a-ser. Nas palavras de Momberger (2012, p. 528), é papel do entrevistador “tentar ficar o mais perto possível dele [entrevistado] nas sinuosidades, nas bifurcações, nas rupturas dos seus caminhos e dos seus desvios, sem nunca ultrapassá-lo”.

A perspectiva do ateliê (auto)biográfico nos foi inspirada pelos trabalhos desenvolvidos por Delory-Momberger (2008, 2012, 2014) acerca do *atelier biographique de projet* que concebe o espaço de constituição de narrativas como um dispositivo de formação, conferindo meios para reescrever a história de uma vida na dinâmica de um projeto (DELORY-MOMBERGER, 2009). Ou seja, os ateliês se constituem como espaços de criação e de abertura para transformação a partir das linguagens partilhadas nas quais quem deles participa se faz ouvir em suas histórias. O caráter formativo promove a subjetivação do mundo histórico e social, sendo a narrativa, ao mesmo tempo, uma possibilidade de construção de si como ser singular e, também, como ser social. Assim, a atividade biográfica aparece como um processo essencial da constituição do indivíduo em sociedade (DELORY-MOMBERGER, 2004), sendo a dinâmica do ateliê o ponto de encontro para configuração de um espaço de produção de discurso sobre si a se tecer e se constituir no presente de uma relação viva e transformadora.

Temos na sustentação dos ateliês, portanto, a busca por um espaço de criação ético-estético-afetivo, tomando como base a linguagem da arte em suas múltiplas expressividades, a fim de produzir narrativas que extrapolem os discursos estabelecidos. A arte se configura, no método, como um impulso criativo para fazer irromper narrativas utópicas, ou seja, narrativas que impliquem ideais e sonhos imaginados, criados e sustentados pelo desejo de mudança em ações críticas e transformadoras. Desse modo, tal como aponta o psicanalista Edson Sousa (2007), a arte é a esperança que exige liberdade mínima para um fazer crítico,

aberto. É pela experiência do criar que se produzem desequilíbrios, interrogações e dúvidas que surpreendem a quietude repetitiva do mundo, sendo o artista aquele que oferece, ao olhar de todos, um detalhe da vida (SOUSA; TESSLER; SLAVUTZKY, 2001). Lançar um olhar sobre o futuro em uma perspectiva utópica significa, portanto, sustentar-se pelo ato criativo, que é próprio de todo ato utópico que nos interpela pelo desejo de desenhar horizontes de sonhos e construir novas formas para o pensamento e para a vida (SOUSA, 2011).

A utopia acontece, assim, no movimento hermenêutico-dialético do tempo histórico e do tempo singular, fazendo ecoar as arestas da diferença, fundamentais para manter viva a chama da crítica. Para tal, a utopia não é, sobremaneira, uma formulação de ações antecipadas em busca da determinação do percurso, tampouco de uma “forma última do paraíso”. Ela diz de um futuro que, como sustenta Ernst Bloch no volume I do *Princípio Esperança* (2005), é autêntico e aberto como processo, inacessível e estranho a toda forma de contemplação. Para o autor alemão, o futuro diz respeito a uma esperança compreendida em termos dialético-materialistas, ou seja, daquele que é enquanto vem a ser. É um “ainda-não-consciente”, um sonhar-para-frente que põe em questão o caminho que vai dos pequenos sonhos acordados aos robustos, isto é, os que dizem respeito àquela coisa que está por vir e é necessária. Assim, em contraposição a um paralisador lançar-se ao vazio de imagens abstratas e desenraizadas, a perspectiva utópica que atravessa a construção dos ateliês (auto)biográficos busca ecoar sentidos como atos de transposição que captam o novo como algo mediado por aquilo que é existente e está em movimento.

A pesquisa tem no território escolar o ponto de enlace para impulsionar as narrativas juvenis. Compreendemos a escola, portanto, como um território em movimento, que possui seus traços culturais, seus sentidos e suas construções simbólicas. Tal como propõe pensar o arquiteto Paulo Reyes (2015), a escola pode ser pensada como uma obra coletiva, como um ato, um fluxo, um estar sendo em meio a desejos e conflitos. Como qualquer território, abarca em seu âmago suas relações, mediadas pela materialidade do espaço, este que confere alguma forma possível de existência e perspectiva de continuidade. O desdobramento dos ateliês ganha vida através do abrir de portas das escolas, que, por meio de suas comunidades escolares, vão acolhendo a pesquisa e possibilitando aberturas para fazer tomar alguma forma possível o ateliê. Considerando que este, tal como a utopia, não possui uma forma pré-determinada, sua construção depende, essencialmente, do desejo de abertura de quem dele participa, a desdobrar-se pela via das narrativas (auto)biográficas. Assim, ao possibilitar a criação do ateliê no território escolar, abre-se um espaço próprio de desejo que impulsiona à reflexão, criação e imaginação para irrupção do inédito.

Sustentando-nos por essa compreensão, reverberamos aqui algumas das tessituras da construção dos ateliês (auto)biográficos nas escolas em que a pesquisa está em andamento. Cabe salientar que o posicionamento das narrativas estudantis em diferentes territórios escolares visa a problematização da dinâmica campo-centro-periferia, contemplando seis escolas participantes, sendo duas escolas situadas no campo, públicas, duas escolas de periferia públicas e duas escolas de centro, sendo uma pública e uma privada, a fim de fazer ecoar os contrastes entre narrativas (auto)biográficas tecidas em ambientes públicos e privados. Salientamos, também, que a pesquisa está sendo desenvolvida na região norte do

estado do Rio Grande do Sul e, para tanto, já se situa, aí, um recorte da diversa, plural e complexa realidade brasileira. No atual momento da pesquisa, estamos em desenvolvimento dos ateliês em quatro das seis escolas que compõe o estudo, sendo em duas escolas públicas de periferia, em uma escola pública do campo e em uma escola pública de centro urbano.

Experienciar a vida que pulsa no território escolar é, como toda relação de encontro com o outro e com o diferente, um aventurar-se no desconhecido, adentrando em um universo de temporalidade singular a ressoar maneiras diversas de significar a realidade própria da escola. Como lembra o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (2019), há um enigma que sustenta e mantém aceso o encontro com o outro, sendo no “espaço-entre” do enigma do não-saber que se faz advir a experiência da alteridade. Estar então aceso significa, como lembra o autor, pôr-se “*en vela*”, velando o tempo do enigma que sustenta o enlace. Nesse sentido, tal como o pedagogo espanhol Jorge Larrosa (2018) ao colocar-se a pensar a noção de experiência, abrimos a aventura de adentrar-se no espaço escolar a partir da própria etimologia da palavra experiência, que provém do latim *experiri* (provar). A raiz indo-europeia *per* indica travessia, percurso, passagem, compondo a palavra *peiratês*, pirata. O pirata, segundo o autor, expõe-se atravessando um espaço indeterminado e perigoso. Seu único saber é o não-saber de sua travessia. Não sabe o que vai acontecer e o que está por vir, coloca-se à prova e busca neste espaço sua oportunidade, seu “por vir”. Para tanto, a experiência no presente estudo é tida como abertura, como a possibilidade de que algo nos aconteça, nos toque, em um movimento de parada, de interrupção: parar para olhar, para ouvir, para sentir. Olhar mais devagar, olhar novamente, atentar aos detalhes.

De acordo com a temporalidade própria de cada território escolar e de cada sujeito participante, perguntamo-nos, então: como compor os ateliês? Quais são, nas escolas, os lugares de constituição destes? Como definir os estudantes de terceira série a constitui-los? Estas eram e seguem sendo questões orientadoras do percurso metodológico atual. Antecipadamente, situamos a delimitação da terceira série do Ensino Médio em razão da representação simbólica deste lugar como passagem-travessia: do diploma que oficializa o término da educação básica à saída do jovem deste universo educativo. Intentávamos, inicialmente, compor o estudo com dois estudantes de diferentes gêneros correspondente a cada escola participante do estudo, totalizando doze sujeitos. No entanto, a cada entrada em uma nova escola, temos encontrado diferentes aberturas por parte das coordenações escolares, que vão produzindo as costuras próprias de cada local, de cada território e de cada ateliê.

Quanto a composição do ateliê, a pesquisa situa o desejo de se envolver na construção deste como um pilar para sua sustentação, sendo espacialmente constituído pelo desejo dos próprios estudantes. Alguns destes lugares de materialização dos ateliês tem sido: o quiosque localizado no pátio da escola, a sala de música, a sala de aula, a sala de recursos, os corredores, o pátio na hora do intervalo: estes lugares se tornam, de uma maneira própria e singular, territórios de criação e produção de narrativas. Movido por uma temporalidade própria, o ateliê vai, assim, adentrando-se nas questões orientadoras da pesquisa, a centrarem-se nas três categorias a seguir: o lugar de enunciação do jovem através de seu território escolar de pertencimento; o lugar ocupado pela educação em sua história de vida e em suas perspectivas futuras; e a dimensão de futuro a partir da utopia.

Enfatizamos que a travessia ao desconhecido, própria do método (auto)biográfico, confere vida ao ateliê focalizando-se nas questões não como pontos de chegada, mas como pontos de partida para fazer advir a singularidade dos participantes que, através de suas narrativas, vão tecendo e configurando suas próprias aberturas e sinuosidades. Encontramos, dessa forma, nas bifurcações, nas rupturas e nos desvios narrativos a força que movimenta e impulsiona o percurso investigativo, sustentado pela imaginação e pela criação. Nessa conjectura criativo-metafórica, a pesquisa se torna um ato formativo e transformador, assim como falou, sorrindo, um dos estudantes de uma das escolas de periferia que compõe o estudo no último encontro do ateliê: “*eu não fazia ideia de tudo o que eu sabia e de tudo o que eu pensava sobre mim e sobre a vida, me surpreendi comigo mesmo*”.

Considerando esses enlaces iniciais correspondentes à travessia da experiência investigativa, percebemos o método (auto)biográfico como uma possibilidade para atravessar a compreensão das temporalidades narrativas sustentadas pela juventude. Este tem se mostrado um percurso que vai situando o passado, o presente e o futuro como a noção de espiral rememorada pelo ambientalista indígena Ailton Krenak (2020): como algo que está sempre em movimento, deslocando-nos de um lugar de estabilidade para outros momentos demarcados, reiteradamente, pelo atravessamento da cultura, da linguagem e da falta-a-ser.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Educação. Utopia. Pesquisa (auto)biográfica. Narrativa.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 3ª Edição ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire:** um lírico no auge do capitalismo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. Obras escolhidas III
- BLOCH, E. **O Princípio Esperança.** Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. v. I
- BRANDÃO, C. R. **A aventura do encontro:** escritos sobre o Outro e Eu. Curitiba: CRV, 2019. v. 3
- COSTA, A. O. Os tempos da transmissão segundo a lógica de Lacan. **Estilos da Clínica**, v. 19, n. 3, p. 499, 21 dez. 2014.
- DELORY-MOMBERGER, C. Biographie, socialisation, formation. **L’orientation scolaire et professionnelle**, n. 33/4, p. 551–570, 15 dez. 2004.
- DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, v. 32, n. 2, p. 359–371, 2008.
- DELORY-MOMBERGER, C. Recit de soi et formation. **Revista @mbienteeducação**, v. 2, n. 2, p. 09–21, 2009.
- DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523–536, dez. 2012.
- DELORY-MOMBERGER, C. **As histórias de vida:** da invenção de si ao projeto de formação. Natal: EDUFRN, 2014.
- ENDO, P. Pensamento como margem, lacuna e falta: memória, trauma, luto e esquecimento.

Revista USP, v. 0, n. 98, p. 41, 28 ago. 2013.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

REYES, P. **Projeto por cenários**: o território em foco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SOUSA, E. L. A. DE. **Uma invenção da utopia**. São Paulo: Lumme Editor, 2007.

SOUSA, E. L. A. DE. Por Uma Cultura da Utopia. **E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia**, v. 12, 2011.

SOUSA, E. L. A. DE; TESSLER, E.; SLAVUTZKY, A. (EDS.). **A invenção da vida**: arte e psicanálise. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.